



TEXTO MASCULINO DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA EUROPEIA

Com os meus novos olhos iLíricos, consigo ver o que faço como se fosse um filme. A vida é muito mais real assim. Agora pego na caixa que tirei do cofre 2047 e pouse-a na mesa da sala dos cofres. Que imagem tão estranha: suor no metal. Um grande plano de uma gota de suor na parede de metal da caixa. Estou a suar assim tanto? Caem-me gotas do cabelo, da testa, das mãos, como é possível? Não está assim tanto calor aqui. Sinto-me quente mas também frio, será isto o que os livros de História chamam “nervosismo”? (Aviso: a audição deste texto só é permitida a masculinos de idade igual ou superior à idade mínima recomendada e possuidores de documento comprovativo de autorização oficial.) A minha missão é extremamente delicada. Tenho de pegar nos fósseis das caixas com certos números-chave e passá-los a uma agente que não conheço e que devo identificar entretanto. Olho à volta a ver se ela já apareceu, mas não vejo ninguém que me dê todas as certezas. Para isto, nem os meus novos olhos me ajudam. Sei que é loira ou aloirada ou, pelo menos, clarinha. O nome de código dela é MRKL 19-39. Somos os dois agentes da República Democrática Europeia, mas garantidamente incompatíveis em termos de AMR/SXO, já que nos transplantaram ormonas diferentes na garganta. Não sei porquê, não gosto nada desse nome que deram aos chips que o Estado implanta no nosso corpo para sermos quem somos. Dizem que é uma homenagem a uma qualidade antiga dos nossos antepassados, os seres humanos. Que eles tinham hormonas com H, e agora nós temos ormonas só com O. Não sei o que é, mas esse som faz-me sempre mal. Ormona. É só um cartãozinho, um chip. O meu é marca Nike, ou Niké, o dela é Boss. O nível de autorização dela está dois pontos acima do meu. Somos totalmente incompatíveis, não há perigo desse ponto de vista. Mas, de facto, a operação é bastante delicada porque o material é de um valor incalculável em termos de informação e, portanto, de poder. O material em causa é composto por fósseis do futuro. Objetos recolhidos numas cavernas da Falésia X-82 sob total sigilo; coisas brancas, quase brancas, quase de ouro, quase de sol, quase de todas as cores, que os cientistas afirmam tratar-se de informação deixada por seres das galáxias do futuro. Não tenho autorização desse nível, mas o que consegui perceber foi que seres de um lugar para lá da curva espaço-tempo recuaram até cá e deixaram uma coleção de objetos. Estes, aqui. Claro, por isso é que estou a suar. Esses seres ultragalácticos olham para nós como nós olhamos para as estrelas que estão no passado e ainda brilham. Estes são, portanto, objetos mais sábios que nós com todos os nossos olhos iLíricos, todos os nossos ouvidos iNão, todas as nossas línguas iTunes. (Aviso: cada ouvinte ouve o texto na sua língua mas, nas línguas menores, também chamadas latinas, as palavras poderão sofrer vírus que perturbam o entendimento oficialmente correto do texto.) Os ditos objetos parecem muitas coisas. A missão é fazermos a passagem deste material das minhas mãos para as mãos dela sem que ninguém dê conta. O Estado da República Democrática Europeia não quer que potências inimigas descubram o potencial disto. De forma que temos de proceder como se fôssemos cidadãos normais de autorização 0-zero e isto se tratasse simplesmente de uma transação privada. Através do cinema dos meus olhos iLíricos vejo que: os ditos objetos são muitas coisas. Parecem pedras preciosas alguns, algumas partes de alguns. Outros parecem feitos de ossos ou a partir de ossos. E há um ovo grande, e pratos com o que podiam ser restos de comida, um fim de festa, antigos líquidos. E há moedas e botões, e sapatos e colheres. Coisas que são coisas-quase ou coisas-mais-que. Tudo de uma inutilidade que tem de ser, que só pode ser, que não há como não ser, superpoderosa. Se o futuro é desta maneira, é belo sim e muito perigoso. (Aviso: neste ponto, caro ouvinte, faça o que fizer, não



olhe à sua volta.) Nas caixas que os cofres deram à luz, bocados de ideias já secas mas ainda com um cheiro que não é nosso. O cheiro impossível dos fluidos quase de todas as cores em que estes fósseis-recém-nascidos foram trazidos do espaço. Futurósseis. Objetos-coisa. Há muitos diferentes. Caixas, conchas, carimbos. Mecanismos com um ar nada subtil, sem dúvida uma piada que os seres do futuro nos deixaram de prenda. Nem todas as pessoas poderão apreciar este tipo de piada calada, apenas aquelas com a ormona de Umor nível 3 para cima, 3

imagino. E há ouros cósmicos e espelhos cómicos. E ainda esta almofada de barro que tenho agora na mão. Uma almofada de barro dentro de uma rede de prata. Segundo a minha ordem de trabalho, é este o primeiro objeto que devo dar à agente MRKL 19-39. Mas olho à volta e vejo tantas pessoas diferentes. Não podem ser todas ela. A única hipótese é carregar nas pupilas dos meus novos olhos e acionar a minha única Grande Primeira Frase Telepática: Quem — és — tu?

TEXTO FEMININO DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA EUROPEIA

A sala real bate certa com a sala virtual que trago na memória. A matemática é uma coisa maravilhosa. É tão bom entrar numa sala assim exata. Sinto-me tão matematicamente. Mas é preciso ter cuidado com estes pensamentos. A minha chefe bem me disse, em jeito de relatório: se te conseguires conter na tua tendência para a — aviso: a audição deste texto só é permitida a femininas de idade igual ou superior à idade mínima recomendada e possuidoras de documento comprovativo de autorização oficial — se te conseguires conter na tua tendência para a metáfora, subirás os degraus da carreira na Agência rapidamente e sem dor. A sala é esta, pois, não tem nada que saber. Um espaço como uma grande caixa cheia de caixas mais pequenas. As caixas grandes chamam-se salas, as caixas médias chamam-se cofres, as caixas pequenas chamam-se caixas. Sinto-me mesmo claríssima aqui. O problema são todos estes indivíduos a confundir a matemática da sala e a sujar o ar com mais ar. Não fazia ideia que haveria tanta gente por aqui a mexer nos cofres. Por um lado, é bom. Para a transação secreta que tenho de fazer com o agente WLF 19-45, é positivo haver esta aglomeração de indivíduos. O secreto passa melhor no meio do público. Mas, para descobrir quem é em concreto o agente WLF 19-45, dificulta um pouco. Sei que ele pertence a uma célula inferior da nossa querida Agência de Âmbito Alargado da nossa sempre amada República Democrática Europeia e, segundo a nota eletrónica que recebi da minha chefe, será incompatível comigo em termos de AMR/SXO, já que lhe implantaram o chip-ormona Nike, ou Niké, e eu tenho o Boss nº3. Algo me diz que deve ser moreno, mas não sei porque é que penso isso. Ainda mantemos algumas imperfeições chatas, resquícios dos nossos antepassados, os seres humanos. Talvez este pensamento-sem-porquê seja um desses resquícios ainda sem medicina anexada. Um, digamos — aviso: cada ouvinte ouve o texto na sua língua mas, nas línguas menores, também chamadas latinas, as palavras poderão sofrer vírus que perturbam o entendimento oficialmente correto do texto — um, digamos, mistério. Esperemos que não degenere em nada mais grave. O material objeto da transação oficial e secreta a que procederemos mal nos descobramos um ao outro é composto pelos denominados fósseis do futuro. Objetos impossíveis que, segundo os cientistas da mais avançada ciência, terão sido deixados por criaturas de um planeta para lá do nosso tempo. Criaturas que olham para nós como nós olhamos para estrelas mortas há milhões de anos que ainda brilham. São naves espaciais delicadíssimas, desastres com patas, caixas raspadas pela neve, ossos sonhando com chávénas. E o ovo de uma fada, e louça mecânica, e bocados de



coisas resgatadas do fundo de um mar perdido num planeta distante, e colheres para comer com os olhos. E o que é aquilo que aquele homem — perdão, aquele masculino — perdão, aquele cidadão atrapalhado — segura nas mãos? Uma almofada de barro, será possível? Uma almofada de barro forrada a rede de prata? Isso não é demasiado — perdão, um bocado — perdão, totalmente perverso e perigoso e proibido? Poderá ele ser o agente WLF 19-45? Toda aquela falta de jeito, toda aquela tremenda intrapalhação ou destrapação ou lá como é que se diz — aviso, aviso: vírus de linguagem — não será uma estratégia? De facto, ele parece tudo menos um agente da RDE que passou 3+2 anos em formação geral-especial e que depois ainda foi implantado com acrescentos de truques super-X. Parece tudo menos isso, o que é ótimo. É uma ideia de engano perfeita. Enquanto ele se entretém a rodar nas mãos, com o cuidado próprio dos totós — aviso, atenção: vírus de linguagem de nível 2 —, a almofada de barro, eu aproximo-me por trás. Tenho de o cheirar na zona da nuca ou atrás das orelhas para obter a confirmação da identidade e proceder, em caso afirmativo, à transação pré-determinada. Direi, Olá querido. E ele, Olá querida. Encostaremos os lábios uns dos outros nos outros dos uns — aviso vermelho: linguagem em desintegração — e ele passar-me-ah! os futurósseis objetos-coisa do quase-branco da quase-neve e a missão estará concluída e vinda — não me estou a sentir muito bem, sinto-me, não sei, com um pouco de excesso de metáforas ou — e — mas o cheiro — estou atrás da nuca dele e dentro do cheiro dele — mas o cheiro é o cheiro dele, confirma-se, embora — caramba, o que é que o manual para agentes de assuntos alargados da República Democrática Europeia diz para estes casos de imprevistos? — embora não me pareça nada que somos incompatíveis. Quê? Ah... Olá, querido. E agora pego na almofada de barro presa numa rede de prata que este tipo me passa para as mãos e vejo que ele está completamente perdido, com os olhos para dentro e as ideias para fora, que estranho, e eu também estou completamente sem linguagem e perdida e de mãos a tremer debaixo do barro branco do futuro, e no entanto.

Jacinto Lucas Pires